

Resenha A5: Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade:
indagações sobre algumas especificidades brasileiras

Gabriela Maria Leme Trivellato
Marcos Ferraz Righetti
Tauan Manieri Ferreira

Para dar luz ao debate da ressignificação do rural, a autora Angela Damasceno Ferreira revisita brevemente os clássicos das ciências sociais, apontando os desdobramentos históricos e analíticos sobre o rural. Nessa perspectiva, a ideia do desaparecimento do rural não é estranha às ciências sociais. Os pensadores clássicos, desde Spencer a Weber, já anunciavam o seu desaparecimento mesmo que indiretamente. Conceberam que o desenvolvimento industrial e urbano era a base de um novo mundo e o rural representava o velho a ser superado.

No entanto, foi no pós-guerra, nos países de capitalismo avançado, que tais teorias do desaparecimento do rural começaram a ganhar mais forma e conteúdo com as grandes mudanças acontecidas no meio rural. A acentuada modernização da agricultura, conhecida um pouco mais tarde como revolução verde, apontava para o declínio do meio rural, com base em três ideias. Primeiramente, o esvaziamento populacional do campo colocava o rural e suas populações de forma secundária em um mundo urbanizado. Em segundo lugar, a agricultura colabora cada vez menos com formação do PIB com o aumento de sua subordinação ao setor agroindustrial. Em terceiro lugar, há uma proletarianização dos agentes sociais do campo em decorrência da generalização do modelo da empresa moderna.

Conjuntamente a essas ideias de esgotamento do rural, a generalização da cultura urbana desqualificava o espaço rural como portador de singularidades. Sobre este ponto, Brandão considera que a acentuação das relações de dominação no campo se associam com a chegada de multinacionais que lucram com elevada exploração da força de trabalho (BRANDÃO, 2007, p. 59).

De toda forma, os anos noventa em países centrais do capitalismo (Canadá, EUA e países europeus) conheceram mudanças marcantes de concepções sobre os processos de recomposição do rural. Isso foi observado a partir do

crescimento demográfico do campo, diversificação das ocupações e maior oferta de trabalho rural. Ainda nesses países surgiram movimentos sociais organizados que questionavam fortemente as políticas desenvolvimentistas de modernização da agricultura. Essa nova conjuntura possibilitou um grande número de desdobramentos que culminaram com ideias conhecidas como novas ruralidades e ressignificação do rural. Levando isso em conta, algumas perguntas podem ser pertinentes ao estudo do caso brasileiro. Será que existem similaridades? Será que se pode pensar um novo rural brasileiro? Se isso é possível quais seriam suas características?

O que se observa nas duas últimas décadas no rural brasileiro do ponto de vista demográfico é a queda na natalidade e, paralelamente, pesquisas informam que em metade dos municípios rurais não houve evasão populacional entre 1991-2000. Observa-se, enfim, a diminuição da migração, que foi responsável há algumas décadas por esvaziar a população do campo e contribuir para a constituição das massas marginalizadas dos grandes centros urbanos.

Seguindo na reflexão sobre o panorama brasileiro a respeito do sentido do rural, existe o paradoxo do latifúndio: enquanto grande parte da população ativa que trabalha na agricultura brasileira trabalha com a família e esta agricultura familiar seja responsável pelo grande número de estabelecimentos rurais, os agricultores familiar ocupam uma parte pequena da superfície agrícola. Quanto ao acesso à modernização do trabalho no campo trazido pela revolução verde, é importante salientar que apesar da grande difusão dos pacotes tecnológicos, no Brasil, eles não homogeneizaram os padrões tecnológicos e organizacionais com a mesma intensidade que em países de capitalismo avançado.

No XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, ocorrido em Uberlândia (MG), de 15 a 19 de outubro de 2012, sob o título *Rural/Urbano e Campo/Cidade: Características e Diferenciações em Debate*, houve contribuição importante sobre o tema da diferenciação entre o comportamento rural e urbano (ZOROKIN; ZIMMERMAN; GAPIN, 1981, p. 200 Apud BISPO e MENDES, 2012, p. 2). A diferença ocupacional é a primeira citada para diferenciar o mundo rural do mundo urbano. Abramovay (2000, p. 6 Apud BISPO e MENDES, 2012, p.3)

sugere que a forma como o trabalho se configura no mundo rural diferencia rural e agricultura, que podem estar presentes em espaço urbano:

[...] ainda que em muitos casos a agricultura ofereça o essencial das oportunidades de emprego e geração de renda em áreas rurais, é preferível não defini-las por seu caráter agrícola. Há crescente evidência de que os domicílios rurais (agrícolas e não-agrícolas) engajam-se em atividades econômicas múltiplas, mesmo nas regiões menos desenvolvidas. Além disso, conforme as economias rurais se desenvolvem, tendem a ser cada vez menos dominadas pela agricultura. Finalmente, existem empreendimentos agropecuários, em alguma medida, nas áreas urbanas [...] (ABRAMOVAY, 2000, p. 6 Apud BISPO e Mendes, 2012, p. 3)

Por outro lado, Angela Ferreira salienta as mudanças que se processam no espaço rural como geradoras do novo sentido que ele vem adquirindo, seja nos países de capitalismo avançado, seja no Brasil. Como propulsor das mudanças, ela salienta o movimento de tomada em consideração do território com suas múltiplas funções, como palco de agentes que se apropriam de sua identidade, dos seus recursos naturais e tecnológicos. Sobre o sentido do rural no Brasil, a autora se apoia em Hughes Lamarche quanto alerta para o fato de que, no Brasil, o rural se define pela agricultura, mas não somente por ela (FERREIRA, 2002, p.43). Lamarche salienta o fato de que pode haver sentidos e sentidos do rural, dentro de realidades diferentes.

A partir das ideias de Lamarche, a autora assinala as mudanças nas relações que se processam no espaço rural que contribuem para que o rural tome um novo sentido no Brasil. Sobretudo, ela destaca a dinamização do espaço rural pelos movimentos sociais de luta pela terra; a pluriatividade dos indivíduos que vivem nesse espaço; a valorização do associativismo; o surgimento da pequena agroindústria e multiplicação de estratégias que valorizam a identidade local. O que se observa, mesmo que de forma incipiente, é a valorização da paisagem, dos recursos naturais e dos territórios rurais como forma de lazer e turismo.

Neste quadro, a questão ambiental ganha pouco a pouco força no meio rural brasileiro. A preservação dos recursos naturais se mostra cada vez mais necessária frente aos problemas de erosão dos solos, assoreamento dos rios e poluição da água. Nesse sentido, movimentos sociais, como o MST, que não possuem sua origem em movimentos ecológicos, apresentam a agroecologia como ferramenta de luta no campo para por exemplo a independência da

agricultura de insumos modernos. Portanto, estes movimentos fomentam em grande medida a agricultura de base ecológica entre seus militantes. Embora em menor proporção que nos países centrais do capitalismo, a agricultura produtivista é questionada no Brasil. Assim, a agricultura alternativa ganha espaço entre os consumidores mais preocupados com a qualidade dos alimentos. O poder de consumo da população urbana constitui o principal limitador da expansão dessa escolha alimentar.

Nesta linha, pensando o novo rural de acordo com as limitações brasileiras, nota-se que, apesar das novas relações no espaço rural e entre os indivíduos que o habitam, sua dinamização esbarra na falta de infraestrutura, tal como é o caso da precariedade de grande parte das estradas brasileiras. Este problema não se enfrenta nos países de capitalismo avançado. Entretanto, é uma característica da realidade brasileira que contribui de certa forma para compor os sentidos de rural no país.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BISPO, Cláudia Luiz de Souza; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Rural/Urano e Campo/Cidade: Características e Diferenciações em Debate. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária "Territórios Em Disputa: Os desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro". Uberlândia – MG, 15 a 19 de outubro de 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e Espaços nos Mundos Rurais do Brasil. Ruris: Revista do Centro de Estudos Rurais CERES-IFCH, UNICAMP. vol.1, nº 1, março de 2007, p.36-44 e (45-62).

FERREIRA, Angela Duarte Damasceno. Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. Estudos Sociedade e Agricultura, 18, outubro 2002: 28-46.